

O CENTRO DE MÚSICA DO SESC VILA MARIANA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO LIVRE, COLETIVO E INTERGERACIONAL

Mayki Fabiani
SESC - SP Vila Mariana
mayki.fabiani@gmail.com

Comunicação

Resumo: este trabalho relata a experiência de um docente do curso de guitarra para iniciantes, durante o primeiro semestre de 2016. O curso é oferecido pelo SESC Vila Mariana, sendo livre, coletivo e intergeracional. Tínhamos como objetivo principal que o aluno interiorizasse técnicas e estruturas básicas do instrumento, se envolvesse com a linguagem da guitarra e compartilhasse seus valores musicais com o grupo, influenciando uns aos outros. O relato aborda a estrutura do curso, tanto no que diz respeito à parte prática quanto à teórica, e relata como as aulas se desenvolveram com esse grupo. Observou-se que cada aluno transmitiu parte de seus valores musicais aos outros, tornando as aulas uma condução dinâmica, por meio do conteúdo proposto pelo professor, o qual serviu como disparador para discussões propostas pelos alunos de acordo com vivência musical de cada um. No que se diz respeito ao embasamento teórico, utilizamos conceitos propostos por Koellreutter (2001), nas palavras de Teca Alencar de Brito, e por Jacques Rancière (2002), pois enxergam o aluno como um ser que recebe e compartilha valores, é crítico e parte importante do coletivo.

Palavras chave: SESC, ensino de guitarra, aula coletiva.

INTRODUÇÃO

O Serviço Social do Comércio, mais conhecido por sua sigla SESC, tem dentre os vários objetivos o acesso à música por meio do ensino de instrumentos musicais e do canto, por cursos regulares e oficinas. Duas das unidades do SESC (Vila Mariana e Consolação) possuem centros de música, espaço este exclusivo para o ensino de instrumentos e voz.

Nossa observação se fez no centro de música da unidade Vila Mariana, localizado no bairro homônimo da cidade de São Paulo. É importante dizer que essa unidade iniciou suas

atividades no ano de 1997 e, desde então, vem oferecendo aulas de instrumentos sinfônicos e populares, além do ensino canto.

O SESC Vila Mariana oferece sistematicamente o ensino de guitarra desde agosto de 2014 em dois níveis: iniciante e intermediário. Neste estudo, vamos relatar a experiência de um docente de guitarra para o nível iniciante, durante o primeiro semestre de 2016, iniciado em 08 de março e finalizado em 28 de junho, completando um total de 17 aulas de uma hora e meia cada. O limite de alunos para esse curso é de sete participantes, com a idade mínima de 13 anos e sem limite de idade máxima. Os alunos podem usar o amplificador do próprio SESC, mas precisavam levar seu próprio instrumento e cabo.

Nosso alicerce bibliográfico para esse curso foram os livros *Everything rock and blues guitar book* (SCHONBRUN, 2003), de Marc Schonbrun, e *Power trio blues* (RUBIN, 1996), de Dave Rubin, os quais abordam técnicas básicas do instrumento. Ainda, utilizamos os títulos *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical* (2001), de Teca Alencar de Brito, e o *Mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual* (2002), de Jacques Rancière, como referências da prática de ensino-aprendizagem.

O ENSINO DE GUITARRA

A guitarra é um instrumento que, ano após ano, vem se fazendo mais presente na vida das pessoas que desejam aprender música. Os diversos gêneros¹ da música popular fizeram e fazem com que a guitarra estivesse sempre em evidência nos últimos 50 anos, tanto que, atualmente, alguns jogos de *videogame* e até aplicativos de celulares simulam o instrumento. Então, a primeira pergunta que fazemos aos alunos é: “O que querem ao aprender tocar guitarra?”.

A resposta sempre gira em torno do desejo de tocar uma música ou solo que faz parte de algum momento marcante da vida do aluno. O mais interessante é que este desejo é

¹ Os gêneros mais comuns que utilizam a guitarra são *jazz* e seus subgêneros, *rock'n roll* e seus subgêneros, *blues*, *pop*, *funk* e *rap*.

pontual, ou seja, notamos que os alunos que procuram pelo SESC Vila Mariana para aprender a tocar guitarra querem uma vivência mais ampliada da cultura musical, mas não demonstram o desejo de se prenderem ao estudo do instrumento durante anos.

Diante da resposta dos alunos, a segunda questão que nos parece pertinente, desta vez voltada à própria docência, é: “Diante das mais diferentes possibilidades de gêneros que utilizam a guitarra, o que ensinar?”. Neste momento, vem à mente um conceito exposto por Rancière (2002, p. 107): “[...] é preciso aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo resto”. Para tanto, utilizamo-nos desse conceito e, assim, todo o conteúdo oferecido serve somente para que o aluno desenvolva o que desejar tocar.

Nossa estrutura de ensino no curso de guitarra se divide em dois eixos básicos: *Técnica* e *Estrutura*. A *técnica* é tudo que relaciona a exercícios práticos para desenvolver postura² e memória muscular³, e a *estrutura* aquilo que se relaciona diretamente à percepção e à cognição do fazer musical. Esses dois eixos, em alguns momentos, se misturaram, mas deixamos claro para o aluno que se faz necessário ter consciência e técnica motora para fazer música – assim como é necessário ter entendimento de qual é a estrutura que compõe a música.

Para embasar as aulas técnicas, utilizamos como meio de leitura musical a tablatura, que possibilita que o aluno enxergue diretamente a digitação proposta pelo professor, fazendo com que escalas e melodias sejam prontamente lidas, que as aulas sejam mais dinâmicas e que o aluno tenha condições de estudar o conteúdo em casa.

Valemo-nos também da escrita de acorde em diagrama, e optamos pelas duas maneiras gráficas pela quantidade de material oferecido na Internet e de métodos publicados com essas formas de leitura. Seguindo ainda o eixo *Técnica*, temos o ensino da postura do corpo com o instrumento, posturas de mão esquerda e direita. Ensinamos duas técnicas de palhetada: palhetada alternada⁴ e *Sweeping Picking*⁵. Com as devidas posturas e com estas

² Equilíbrio entre o corpo e o instrumento.

³ Compreensão motora das mãos direita e esquerda em relação ao instrumento.

⁴ Palhetada alternada consiste em tocar uma nota com um golpe de palheta para baixo e a nota seguinte, para cima.

⁵ *Sweeping Picking* é uma técnica de palhetada que consiste em tocar duas ou mais notas com a palheta na mesma direção.

duas técnicas, desenvolvemos exercício com escalas pentatônicas, escala cromática e escala maior.

Na parte do nosso eixo *Estrutura*, incluímos a afinação do instrumento, bem como a utilização de afinadores eletrônicos e aplicativos de afinação. Explicamos a função do amplificador e de seus recursos de equalização e efeitos, além de praticarmos a apreciação dos diferentes timbres de guitarra com as próprias guitarras dos alunos e com vídeos de YouTube.

Realizados os passos iniciais, passamos a estudar e analisar a estrutura do *blues 12 compassos* nas tonalidades de lá maior e mi maior (a escolha dessas tonalidades se dá pela facilidade de tocar os acordes dessas tonalidades). A partir dessa estrutura, realizamos exercícios de escalas pentatônicas aprendidos durante as aulas e criamos linhas de harmonia e melodia.

Figura 1 – Modelo de *blues* em lá maior, compasso 1 até compasso 4.

Fonte: Rubin (1996, p. 31).

Também foram objetos de estudo os acordes maiores e menores. Não conseguimos aprofundar essa matéria, mas trabalhamos todas as posturas e sonoridades dos acordes.

Figura 2 – Acordes em diagrama, partitura e tablatura.

Fonte: Diagramação de acordes maiores feito pelo professor.

Dessa maneira o aluno terminou o semestre com conhecimentos importantes no que se diz respeito à técnica e à estrutura para dar continuidade aos estudos e desenvolver outros gêneros musicais.

O ESTUDO COLETIVO DE GUITARRA

A classificação do curso de guitarra pelo SESC é “livre”; trata-se de um modelo a que todos podem acessar sem pré-requisitos, exceto pela idade mínima e pela aquisição do instrumento. Ao final do curso, o aluno pode pedir uma declaração de participação do curso à secretaria do SESC.

Nossa turma de guitarra nível iniciante formada durante o primeiro semestre de 2016 iniciou com seis alunos com as idades de 14, 20, 27, 29, 34 e 50 anos. A diferença de idades foi uma questão importante a ser observada, pois garantiu a heterogeneidade de valores culturais e musicais discutidos em aula.

Cabe-nos dizer neste relato que um dos aspectos mais importantes do curso de guitarra é a troca de experiências entre os alunos, que acontece pela diferença de idade e pelo gosto musical de cada um. Outros fatores, como a disciplina para a rotina de estudo em casa, também foram objetos de discussão. Não temos dúvida de que os alunos se influenciam em todos os aspectos, pois compartilham suas visões de mundo.

Assim como aponta Rancière (2002, p. 25), “no ato de ensinar e de aprender há duas vontades e duas inteligências”: a relação do professor com o aluno e do aluno com o professor. Contudo, nessa turma de seis alunos mais o professor, o ato de ensinar e de aprender compreende pelo menos três eixos que operam com mais ênfases: a relação professor–aluno (o que pretende o professor ao ensinar os alunos), a relação aluno–professor (o que o aluno quer aprender com o professor) e a relação aluno–aluno (o que os alunos aprendem uns dos outros). Não conseguimos racionalizar completamente esses três eixos, mas temos a convicção de que a troca de valores entre os discentes foi igualmente importante quando comparada com a troca entre professor e alunos.

As discussões entre os alunos os fazem ter a responsabilidade de serem protagonistas nas aulas e ativos nas colocações, bem como a levantarem dúvidas e serem responsáveis pelas respostas. Verificamos, assim como leciona Brito (2001, p. 29), que “a participação ativa, a criação, o debate, a elaboração de hipóteses, a análise crítica, o questionamento [...] sempre foram princípios básicos presentes em todas as situações de ensino e aprendizagem”.

Podemos dizer que uma parte significativa do conteúdo discutido durante as aulas partiu de proposições dos alunos, assim como muitas das aplicações práticas do conteúdo técnico e estrutural vieram do gosto musical de cada participante do curso. Cabe lembrar que os instrumentos que cada aluno leva já servem de ponto de partida para discussão.

Apesar de haver semelhanças, os seis alunos levaram instrumentos de marca e características sonoras diferentes⁶. O conceito que ampara o fomento à discussão entre os alunos é basicamente formulado pela obra de Rancière (2002), e pode ser resumido em um questionamento bastante oportuno: “Poderia alguém sem conhecimento prévio ensinar para alguém também sem conhecimento prévio algo que nenhuma das duas pessoas conhece?”. Pela experiência com os alunos do Sesc Vila Mariana, respondemos que sim.

Isto porque observamos, ao decorrer das aulas e da apresentação dos conteúdos, que os alunos se reuniam em grupos para estudar fora do horário de aula. Nesses encontros, eles desenvolviam conteúdos abordados em aula, sendo que aqueles que entendiam melhor os assuntos ajudavam os que tinham mais dificuldades, desenvolvendo conteúdos levados por eles mesmos. Pontuamos que essa observação a respeito do “ensinar sem saber o assunto” é uma estratégia válida e que mostrou resultados, já que os alunos voltaram para as aulas com conhecimentos extras.

Nossa aula foi dividida em três momentos, iniciando pelo acolhimento, ocasião de conversar sobre a semana de cada um e sobre a dificuldade do estudo em casa. É nesse momento que os alunos ligam os instrumentos e os equalizam, montam as estantes de partitura e afinam as guitarras. O segundo momento da aula foi nomeado de aquecimento, quando era trabalhada a concentração, realizados exercícios e revisados os conteúdos das aulas

⁶ Dos seis instrumentos, três eram modelos *Stratocaster*, dois *SuperStrato* e um, *Les Paul*.

anteriores (uma parte do trabalho de sensibilização rítmica e melódica aconteceu nesta oportunidade). No terceiro e último momento, os novos conteúdos foram transmitidos, quando então os alunos foram provocados a compartilhar suas prioridades musicais e a colocar questões a respeito do que foi estudado.

Um exemplo oportuno foi a conversa sobre a escala pentatônica. Após a tocarmos, um dos alunos disse que era o mesmo som que ele ouvira na canção *Whole Lotta Love*⁷, da banda *Led Zepellin*. Outro aluno, que nunca tinha ouvido essa canção, passou a conhecê-la e se sentiu provocado a pesquisar mais sobre a banda. Dessa maneira os conteúdos se desdobram, fazendo com que um assunto proposto pelo professor fosse muito mais amplo e melhor aproveitado. Pôde-se observar que o ato de compartilhar seus próprios valores fez com que o aluno ficasse mais envolvido com a aula, sentindo-se também responsável pela formação de seus colegas de turma. Tanto que foi bastante comum durante o semestre os alunos trocarem informações musicais pelas redes sociais⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso curso não tem como objetivo final fazer com que o aluno seja um músico, no sentido profissional, mas que desenvolva técnicas suficientes para se tornar o que quiser, ou seja, para que tenha uma experiência cultural mais profunda no campo da música. Essa experiência precisa significar na vida do aluno um estímulo para conhecer mais do mundo musical, não apenas no âmbito do aprendizado do instrumento, mas também sobre aspectos apreciativos e estruturais.

Nosso conteúdo não é fechado como de um conservatório, pois, apesar de partir de elementos técnicos e estruturais, como acontece naquele instituto, ele se completa com a experiência que cada um expõe nas aulas.

⁷ Canção de 1967 do álbum *Led Zeppelin II*.

⁸ A rede social mais utilizada foi o Facebook e o aplicativo de comunicação foi o WhatsApp.

Por este motivo, corroboramos a ideia de aprendizagem pelo conteúdo aberto, o qual pode – e deve – ser modificado aula a aula de acordo com a expectativa do aluno, tal qual propõe Koellreutter, citado por Brito (2001, p. 31):

Koellreutter sempre propôs a superação do currículo fechado, que determina previamente os conteúdos a serem transmitidos, sem averiguar e avaliar criteriosamente o que realmente é importante ensinar a cada aluno, grupo, em cada contexto ou momento [...]. É preciso aprender do aluno o que ensinar.

Todo material de aula foi feito pelo professor e estruturado de tal forma que possibilitasse a compreensão da linguagem estética da guitarra. A intenção era promover o ouvido harmônico e melódico e, a partir desses elementos trabalhados ao longo do semestre, que o aluno desse início à sua própria personalidade musical e tivesse consciência muscular e cognitiva para avaliar os próximos passos de seu desenvolvimento.

Temos ciência de que nenhum dos temas abordados ao longo das 17 aulas se esgotaram; pelo contrário, alguns deles ainda são discutidos pelos alunos nas redes sociais. Entendemos que leva anos de estudo para que o aluno esteja tocando como seus ídolos; contudo, sabemos que nosso papel na história da vida do aluno é o de oferecer a porta de entrada para o instrumento – e, conseqüentemente, para o vasto universo musical e cultural.

O ensino coletivo de guitarra, utilizando materiais técnicos elaborados pelo professor como disparadores de outros conteúdos, atendeu à necessidade inicial dos alunos. Podemos sinalizar como principal dificuldade enfrentada a pouca quantidade de aulas. Isto fez com que houvesse acúmulo de material ao longo do semestre, levando parte dos alunos a se concentrarem em alguns conteúdos enquanto outros preferiam se dedicar a outros, impossibilitando que todos os materiais pudessem ser novamente tocados semanas depois de serem expostos em aula. Decorrente disto, houve a impossibilidade de revisão de todo material, para não comprometer o tempo de aula para exposição de assunto novo. Por fim, cabe lembrar que a pouca quantidade de aulas faz que qualquer falta de um aluno prejudique o tempo de estudo devido à revisão da aula anterior.

No entanto, levantando todos os aspectos referentes à estratégia, conteúdo e tempo de aula, avaliamos o curso de guitarra coletiva de maneira positiva, já que seu formato, assim como os materiais utilizados, mostram-se um modelo eficiente de trabalho para o aprendizado em grupo e para a troca de experiências nos três eixos. O resultado desta metodologia dá enfoque ao desenvolvimento do “ser” enquanto parte do coletivo, representando um modelo eficiente e participativo para o ensino na atualidade.

Referências

RANCIÈRE, Jacques. *Mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RUBIN, Dave. *Power Trio Blues*. Milwaukee: Hal Leonard, 1996.

SCHONBRUN, Marc. *Everything rock and blues guitar book*. Avon: Adan Media Corporation, 2003

TECA, Alencar de Brito. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.